

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CURSO DE HISTÓRIA

PROJETO DE TCC

TÍTULO: A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL SOB A  
PERSPECTIVA DA RADIONOVELA *O DIREITO DE NASCER* NA DÉCADA DE 1950

STEFANY CRISTINA DA SILVA

UBERLÂNDIA

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

INSTITUTO DE HISTÓRIA

CURSO DE HISTÓRIA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - TCC

TÍTULO: A CONSTRUÇÃO DA EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL SOB A  
PERSPECTIVA DA RADIONOVELA O DIREITO DE NASCER NA DÉCADA DE 1950

STEFANY CRISTINA DA SILVA

Artigo apresentado à disciplina  
TCC II, do Curso de História, da  
UFU, sob a orientação do Prof.  
Dr. Newton Dângelo como  
requisito parcial para defesa de  
TCC do curso de graduação em  
História - Licenciatura

UBERLÂNDIA

2023

## RESUMO

O interesse nessa temática surgiu após o contato com a disciplina História do Brasil República I, quando o rádio foi retratado em diversos momentos do curso, suscitando o entusiasmo em pesquisas posteriores sobre radionovelas e sobre o período da década de 1950. Esse trabalho tem como proposta abordar a influência e a ação da radionovela "O Direito de Nascer" na educação feminina na década de 1950 no Brasil, retratando diferentes formas da produção radiofônica, estilos de vestimentas, modos de falar e comportamentos das mulheres, reforçando-lhes a responsabilidade e a obrigação de cumprir e estar sempre sujeitas ao papel de "dona do lar" dentro daquele período.

## INTRODUÇÃO

O século XX no Brasil ficou consolidado como um período de muitas transformações, sobretudo nos campos político, econômico e social, responsáveis por construir identidades coletivas, valores e costumes aos brasileiros e por estabelecer padrões de comportamentos ainda vigentes no cenário atual do país.

Para compreender tais questões, sobretudo suas especificidades, a análise do período compreendido entre a década de 1940 e de 1950 tornam-se extremamente importantes, uma vez que segundo a escritora Ângela de Castro Gomes, foi um período em que “vivia-se sob o ataque ao liberalismo e, para intelectuais cujo desafio era construir um mundo moderno com base em constrangimentos que o negavam, a força da maré de crítica podia ser explorada como um estímulo à criatividade”.<sup>1</sup>

Nesse contexto, o Brasil contou com diversas figuras políticas que foram responsáveis por formular diferentes projetos de governo e muitas mudanças no cenário social do país. Entre estes, Getúlio Vargas assumiu o poder com a chamada Revolução de 1930, e se manteve nele por quase duas décadas, estabelecendo um governo marcado pela política de massas e pela forte presença das oligarquias rurais no país. Outro importante nome para a política nesse contexto brasileiro foi Juscelino Kubistchek, que estreou uma época de transformações e convicção de desenvolvimento econômico num cenário onde a cultura se apresentava como um importante

---

<sup>1</sup> CASTRO, Ângela de. 1998, p.506.

agente mobilizador e trazia ao país o sentimento de modernidade. JK passou a ser reconhecido como “o construtor de Brasília; o homem do “plano de metas”, que foi nome de automóvel e adorava dançar. Enfim, o presidente “bossa-nova”. (Idem, p.549)

Além disso, JK apresentava um demasiado interesse na expansão da industrialização brasileira, que teria como principal base o capitalismo e o liberalismo, e que segundo ele, se assemelharia ao das nações ricas e detentoras de poder, e acima de tudo, que seria um plano contemplando toda a sociedade. Além de que, em seu governo, o nacionalismo também assumiu um grande espaço, uma vez que reunia uma diversidade de grupos de apoio, formado por empresários industriais, operários, sindicatos, além da cooptação de setores das oligarquias rurais, que defendiam um desenvolvimento social e econômico do país. Segundo Moreira, "as questões que mais mobilizaram o movimento nacionalista foram a industrialização, a presença do capital estrangeiro, a reforma agrária e o pacto social político que deveria orientar e sustentar o processo de "desenvolvimento nacional". (MOREIRA, 2003, p.170)

Nesse período, a sociedade brasileira convivia com padrões de comportamentos altamente opressores em torno das mulheres, uma vez que para elas, ficava conferido o cumprimento da moral e do respeito social, sobretudo no seu lar, onde o casamento, a concepção de filhos e a submissão ao marido representavam um modelo exemplar e feliz de vida a ser seguido. Diante disso, cabia à mulher ter cautela quanto ao modo de se vestir, os cuidados da aparência física, ao que falava e “se” falava, uma vez que não deveriam "importunar" seus maridos, além de ter sido um contexto em que o ato de trabalhar fora de casa era algo incabível dentro da sua realidade patriarcal.

Visto que a sua atenção deveria ser exclusivamente voltada para os cuidados da casa e da família, não lhes restavam muito tempo para o entretenimento, e quando isso era possível, a única possibilidade era a leitura de revistas e o acompanhamento de programações na rádio, mecanismo esse que se tornou primordial nesse contexto do país:

“Sua compreensão como espaço onde também se preserva a luta pelo consenso, onde estão presentes ainda que de maneira desigual as ofertas de sentido realizadas a partir do poder e as semanas provenientes dos setores subalternos, permite restabelecer a relevância analítica a um meio como o rádio — desprestigiado desde outras perspectivas, não por ser estatisticamente um meio de grande consumo em nível popular, se não porque, em sua competitiva relação com a televisão, ela deve ter se redefinido, ganhando um

novo posto: não a de aparato que “convoca a ser ouvido”, mas melhor, o de que se “ajusta ao ouvinte”, o de meio que se deixa reger pela cotidianidade de seus receptores, definindo-se como acompanhante é criado. E nesse servir à cotidianidade, ele é capaz de fazer visível nas imagens elaboradas por outros, uns modos populares de sentir e pensar, de expressar-se e reconhecer-se, de atuar entre si e frente aos demais que podem ser fonte se autor de reconhecimento, mas também e as vezes ao mesmo tempo – fonte de indiferença”.<sup>2</sup>

Outra circunstância extremamente censurada as mulheres daquele período era a carreira artística, visto que além do fato da obrigação da vida familiar e doméstica lhes tomarem muito tempo, a indústria artística as consideravam menos talentosas do que os homens, fazendo com que poucas delas fossem escaladas para os trabalhos, além de que dificilmente seus maridos lhes davam permissão para seguir no ramo. Dessa forma, as mulheres que optavam pela vida artística eram ainda mais criticadas e mal vistas pela sociedade.<sup>3</sup>

A título de exemplo dessa realidade está a cantora e compositora Iracema de Sousa Ferreira, que ficou conhecida pelo seu nome artístico Nora Ney, casada no final da década de 1940 com Cleido Queiroz Maia e cuja relação estava longe de ser saudável, uma vez que Cleido era conhecido por ter sérios problemas com o alcoolismo e por agredir Ney frequentemente, muitas vezes motivado por ciúmes e descontentamento com a carreira da atriz.

Dentro dessa realidade, após um dos incessantes episódios de briga do casal, Ney foi encontrada em coma por seus vizinhos, e após ser socorrida, ela afirmou em público que foi forçada por seu marido, sob ameaças, a ingerir diversos comprimidos de entorpecentes. Mais tarde, Cleido admitiu o crime, alegando que a felicidade dele e de seus dois filhos, de 6 e 9 anos, dependeria da morte da cantora.

Naquela época, em razão do sucesso que as radionovelas adquiriam e de sua forte divulgação na mídia impressa – jornais e revistas especializadas sobre o rádio - , o jornal "A Gazeta de Notícias", responsável por retratar o agonizante episódio vivenciado por Ney, citava a situação da cantora como se fosse o capítulo de uma produção radiofônica. O estado de saúde

---

<sup>2</sup> MATTA, Maria Cristina. 2005, p.272.

<sup>3</sup> Ver a esse respeito o importante trabalho do historiador Alcir Lenharo para uma análise mais aprofundada sobre o tema em questão: LENHARO, Alcir. Cantores do rádio. 1995.

da cantora era sempre mantido em suspense, e ela passou a ser intitulada pelo jornal como "atriz". Segundo Alcir Lenharo:

"A estratégia para armação dos capítulos novelísticos está posta pelo jornal: a sinopse poderá ser revirada pelo avesso, mas sempre orientada pelo fator suspense que a matéria tem armado no final: Ainda era grave o estado da cantora? Ficara comprometido o seu sistema nervoso? O que acontecera a seguir? Esse tratamento novelístico explica melhor o motivo de a matéria denominar Nora de "atriz".<sup>4</sup>

Nesse sentido, é preciso contextualizar a importância que o rádio e suas programações foram exercendo sobre a vida privada no Brasil. Segundo Luiz Carlos Saroldi e Sonia Virginia Moreira, quando o rádio chegou ao Brasil, assim como nos Estados Unidos, houve uma certa resistência por parte de alguns setores da sociedade, especialmente dos homens de imprensa. Para muitos, o rádio era visto como um veículo imediatista e loquaz, que não possuía a nobreza e a perenidade da palavra impressa.

A desconfiança em relação ao rádio estava relacionada, em parte, ao receio de que ele pudesse substituir ou diminuir a importância dos jornais e revistas. Além disso, havia também uma preocupação com a qualidade do conteúdo que seria transmitido pelo rádio, que era visto como algo mais efêmero e superficial em comparação com a palavra impressa. No entanto, com o tempo, o rádio se consolidou como um dos principais meios de comunicação no Brasil e no mundo, e se mostrou uma mídia eficaz para informar, entreter e educar o público, e passou a coexistir com os jornais e revistas, cada um ocupando o seu próprio espaço na sociedade.

A resistência inicial ao rádio foi, portanto, um reflexo do receio diante do novo e do desconhecido. Mas, como tantas outras inovações, o rádio acabou sendo adotado e incorporado à vida cotidiana das pessoas, tornando-se uma parte fundamental da cultura e da sociedade brasileira.<sup>5</sup>

Dessa forma, o rádio passou a exercer o oportuno papel de levar e “elevar” a cultura aos setores populares urbanos e rurais, sendo responsável por arrastar consigo uma infinidade de apaixonados, tanto pelas suas programações, quanto pelos artistas que as compunham, fazendo com que dessa forma o seu acompanhamento representasse uma necessidade que se

---

<sup>4</sup> LENHARO, Alcir. 1995, p.99

<sup>5</sup> SAROLDI, L.C. e MOREIRA, S.V. 1984.

incorpora ao campo das necessidades socialmente reconhecidas e cuja satisfação – como ocorre com as restantes – modelará comportamentos, criará conflitos e se inscreverá no modo global de reprodução da vida familiar.<sup>6</sup>

Analisando essa conjuntura, para a escritora Lilian França, "o rádio é o jornal de quem não sabe ler, é o mestre de quem não pode ir à escola, é o divertimento gratuito do pobre<sup>7</sup>". Assim, o rádio se instaurou como um importante equipamento responsável por levar a cultura, o entretenimento, e até mesmo a educação para os lares brasileiros, uma vez que segundo DÂNGELO:

“O rádio foi mais um instrumento de comunicação de massas, aproximou as pessoas e serviu como canal de realização profissional e artística para tantas outras, sendo mais tarde superado pelo poder da imagem televisiva e, em consequência, transformado em “lampejos da memória”, recordações nostálgicas e imagens de recursos técnicos superados pela evolução, pelo progresso e pelo rumo “natural das coisas” .<sup>8</sup>

Desta forma, entende-se que o rádio também se consolidou como um importante e primordial agente nos lares brasileiros no que tange o papel de agrupar as famílias, as donas de casa e por gerar diversos debates sobre suas programações, seja acerca das notícias, das músicas, e sobretudo, do grande fenômeno que se tornaria mais tarde a radionovela, citada anteriormente, que foi uma narrativa caracterizada pela ficção e dramatização.

Chegando ao Brasil na década de 1940, período conhecido pelos “anos dourados do rádio brasileiro”, a radionovela insere-se num contexto “em que ele (o rádio) se torna mais presente na vida dos cidadãos, não somente pela grande procura pelos artistas nos programas de auditórios, mas também pelo noticiário da Segunda Grande Guerra e a inserção das radionovelas na programação”.<sup>9</sup>

Entende-se que as radionovelas atingiram o Brasil após o grande destaque que alcançaram em Cuba, um país idealizador de diversos trabalhos e experimentos radiofônicos de cunho popular. Oportunamente, Cuba se tornou um célebre produtor de textos de radionovelas no século XX, quando grande parte de suas produções eram exportadas para outros países da

---

<sup>6</sup> MATTA, Maria Cristina. 2005, p.285.

<sup>7</sup> FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro, p.67.

<sup>8</sup> DÂNGELO, N. 2012, p. 32.

<sup>9</sup> ALAMY, Odette Machado. 2007, p.29.

América Latina, principalmente ao Brasil, que adquiria os scripts para adaptá-los posteriormente.

Nesse cenário, diversas obras radiofônicas obtiveram destaque no Brasil, mas o maior fenômeno ficou atribuído à produção “O direito de nascer”, que estreou em 1951 pela Rádio Nacional. A obra foi uma adaptação do texto original do Felix Caignet, onde os ajustes e as traduções foram realizados por Eurico Silva. As adaptações ocorreram a partir do texto original, e aconteceram por conta da carga dramática mais intensa, e para que a obra ficasse congruente à preferência do público brasileiro.

Compondo o elenco dessa radionovela estavam importantes nomes como o de Nélio Pinheiro, Paulo Gracindo, Talita de Miranda, Dulce Martins, Iara Sales, dentre outros. “O Direito de Nascer surpreendeu todos os críticos e todas as previsões que afirmavam que o radioteatro era um gênero em decadência e que o público brasileiro não se interessava por tramas longas”.<sup>10</sup>

Essa radionovela ganhou diversos holofotes, até mesmo pela célebre revista brasileira “A Noite Ilustrada”:

"É 'O Direito de Nascer'. Às segundas, quartas e sextas, das 20 horas as 20:30, muita gente está sofrendo com Maria Helena, Mamã Dolores e Albertinho, desde o dia 8 de janeiro de 1951, dia em que a história começou a ser transmitida. E este sofrimento vai continuar até outubro que vem... Toda aquela história da pedra em que Maria Helena tropeçou só vai acabar daqui a sete meses. E até lá, muita coisa vai acontecer a Don Rafael. Talvez ele fique bom da paralisia; talvez não. Talvez Albertinho se case com Isabel Cristina; talvez morra... Oh, senhor reitor, estamos brincando... 'O Direito de Nascer', como a 'Em busca da felicidade', é de autor cubano. O homem que ideou e escreveu toda a complicação chama-se Félix B. Caignet. Nasceu em uma fazenda de São Luís, a 'Burene'. E ele afirma que ali nasceu também o herói de sua novela, o Alberto Montalvo, conhecido em Cuba como Albertico e no Brasil como Albertinho".<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> CALABRE, Lia. p. 65-83, 2º sem. 2007.

<sup>11</sup> A Noite Ilustrada, p.28, 1951.

Ainda segundo a revista, o universo da radionovela "O Direito de Nascer" é povoado por personagens complexos e multifacetados, cada um com suas próprias características e histórias de vida, uma vez que Dom Rafael de Juncal que é o patriarca da família, consistia-se num homem rígido, autoritário e violento, defensor dos valores da nobreza tradicional e decadente. Ele era pai de Maria Helena e Dorinha.

Jorge Luiz, por sua vez, é um jovem que foi criado na Espanha e traz consigo valores nobres e românticos para Cuba. Ele se torna um homem de grande caráter e um perfeito cavalheiro, mas sofre por amor à sua grande e única paixão, Maria Helena, filha de Dom Rafael.

Maria Helena é uma garota romântica, sonhadora e caprichosa, que passa por transformações ao longo da história. Depois de trágicos acontecimentos, como sua relação extraconjugal com Jorge Luiz, sua gravidez e a separação de seu próprio filho, ela se torna uma mulher madura, determinada e corajosa.

Mamãe Dolores é a empregada da família Juncal, uma mulher determinada, impulsiva, alegre, bondosa e com uma visão realista da vida. Ela tem um grande amor maternal por Maria Helena e Albertinho.

Alfredo Martins é um jovem irresponsável, aventureiro e impulsivo, que mais tarde na vida sofre com uma esposa infiel e com um filho que reedita o seu comportamento de juventude.

Por fim, temos Dona Conceição, mãe de Maria Helena e Dorinha e esposa de Dom Rafael. Ela é submissa ao marido, mas no fundo tem um coração bom. Cada um desses personagens contribui para a rica trama de "O Direito de Nascer", trazendo consigo suas próprias histórias, conflitos e desafios.<sup>12</sup>

Diante deste contexto, é inquestionável a influência que as radionovelas exerciam sobre os indivíduos. A partir da sua exibição, diversas pessoas esperavam com ansiedade pelos próximos episódios, o que gerava incontáveis comentários e discussões, em diferentes lugares, seja nos lares ou nas ruas, e em diferentes círculos sociais, aproximando e unindo as pessoas através desse modelo de entretenimento. Exemplo disso estava nas diversas ocorrências onde os ouvintes enviavam cartas e relatos que demonstravam apoio e/ou indignação sob as ações e até mesmo dos destinos que os personagens tomavam nas tramas.

---

<sup>12</sup> Idem, 1951.

Outra razão pelas quais as radionovelas eram tão amadas, sobretudo pelas mulheres, estava na representação de personagens femininas com as quais elas podiam se identificar. As protagonistas das radionovelas muitas vezes enfrentam desafios semelhantes aos da vida real, como o amor, a família, o trabalho e a independência. Essas personagens refletem as aspirações e os dilemas de suas realidades, criando um senso de conexão, compreensão, reconhecimento e empatia pelas ouvintes. Além de que para elas, as radionovelas iam muito além do papel de representação social, e promovia um senso de comunidade entre elas, uma vez que as discussões sobre os episódios mais recentes, os debates sobre o destino dos personagens e até mesmo as interações com outras fãs criavam laços sociais e forneciam um espaço seguro para as mulheres compartilharem suas opiniões e perspectivas entre si, diferente dos lares da maioria delas, onde elas eram censuradas e ignoradas.<sup>13</sup>

Não obstante, pode se afirmar que o perfil das radionovelas estava voltado para a ênfase de um comportamento feminino considerado “ideal” naquele período, já que o seu público era composto quase que em sua totalidade por mulheres, e dessa forma, esse tipo de espaço era excepcional para estabelecer os padrões que a sociedade almejava sobre elas. Sendo assim, a radionovela ficou caracterizada como um gênero a princípio direcionado ao público feminino, pois buscava realçar sentimentos e, sobretudo, a prática de boas ações. Segundo a autora Odette (ALAMY, Odette Machado, 2007, p.46):

“A radionovela fazia parte do mundo feminino. (...). Porque, enquanto se escuta, continua-se a fazer. Enquanto se escuta, tricota-se, lava-se o cabelo, trata-se da pele, faz-se mãos e pés. Era em volta do rádio que aprendíamos essas artes do feminino. Uma geração aprendia com a outra. As mais velhas passavam para as mais novas tudo sobre o cuidado do corpo, da roupa, da limpeza e da feitura dos alimentos. Por observação e imitação, a sabedoria era passada adiante, sem ordem expressa e sem receita. Compartilhava-se enquanto se tricotava, se crocheteava, bordava, cerzia, e o rádio continuava descrevendo as emoções não expressas do cotidiano e, muitas vezes, também hábitos e costumes que não conhecíamos”.

Considerando este cenário, diversos patrocinadores enxergavam as radionovelas como um negócio extremamente lucrativo para suas marcas, sobretudo aqueles que representavam os equipamentos domésticos, os quais alegavam que estes seriam os “grandes aliados das mulheres

---

<sup>13</sup> AZEVEDO, Lia Calabre; MAUAD, Ana M.; REIS, D. A..

nos cuidados da casa, para que assim fosse possível ter mais tempo para o marido e para os filhos”. Havia também uma forte presença de patrocinadores de roupas íntimas, como por exemplo a marca DeMillus, que destacava o cuidado que as mulheres deveriam adotar com o seu corpo feminino para que dessa forma, elas fossem capazes de assegurar e de trazer “tranquilidade” para seus casamentos.<sup>14</sup>

Posto isso, sustenta-se a análise de que as radionovelas estabeleciam um forte peso nas decisões e nos sentimentos das mulheres, uma vez que as ouvintes involuntariamente sentiam-se forçadas a se adequarem ao que as narrativas disseminavam, a fim de serem enquadradas pelos seus maridos e pela sociedade nos moldes que eram considerados ideais. Segundo Odette Machado, "as radionovelas possibilitavam essa identificação com o ouvinte, construindo uma relação íntima entre as histórias que eram narradas e a vida cotidiana". (ALAMY, Odette Machado, 2007, p.45).

Acerca dessa identificação, a pesquisa desenvolvida por Maria Cristina da Mata, que foi abordada pela escritora Graziela Biachi, discorre de maneira aprofundada sobre a relação das pessoas com o rádio, desde os primórdios do seu desenvolvimento inicial. Com o passar do tempo, a forma como as mulheres interagiam com o rádio mudou significativamente, visto que segundo a autora, foi no espaço privado da casa que começaram a ser estabelecidos os gostos radiofônicos femininos. O ambiente familiar se tornou o local de consumo dos primeiros programas e primeiras emissoras, e a partir dele, outros gostos foram sendo configurados. A identificação feminina com o rádio, portanto, está intrinsecamente ligada à sua presença no ambiente doméstico.

Com o tempo, a relação das mulheres com o rádio evoluiu, refletindo as mudanças sociais e culturais que ocorreram ao longo das décadas. O rádio se tornou um importante meio de comunicação para as mulheres, proporcionando-lhes informações, entretenimento e uma forma de se conectarem com o mundo exterior.<sup>15</sup>

Acerca desse contexto, para a escritora Miriam Goldfeder (1980, p.84):

"A radionovela surge em nossa dissertação como objeto de análise enquanto espaço de convergência dos valores morais conservadores típicos dos setores médios. Queremos dizer com isto que ela se comportou como fórmula

---

<sup>14</sup> ALAMY, Odette Machado. 2007.

<sup>15</sup> BIANCHI, Graziela. 2005.

simbólica da realização dos ideais ético-sociais da sociedade burguesa, de forma acabada, fechada sem possibilitar ou apresentar aberturas no sentido ideológico. Ela teria, então, um papel reiterador deste campo de valores em seu sentido mais geral, como visão de mundo, capaz de fazer convergir uma gama de situações consideradas características".

À medida que refletimos sobre a influência das radionovelas no contexto da educação feminina no século XX, torna-se evidente que essas narrativas radiofônicas desempenharam um papel notável na vida das mulheres não só como uma forma de entretenimento, mas também como uma fonte de condenação sob as diferenças sociais, que segundo o autor Jesús Martín Barbero:

"A ocupação da esfera política pelas massas de despossuídos conduziu a uma imbricação de Estado e sociedade que acabou arruinando a antiga base do público, sem dotá-lo de outra, nova". É partir daí que a cultura é redefinida e modificada em sua função. O vazio aberto pela desintegração do Público será ocupado pela integração que produz o massivo, a cultura de massa. Uma cultura que, em vez de ser o lugar onde as diferenças sociais são definidas, passa a ser o lugar onde tais diferenças são encobertas e negadas. E isto não ocorre por um estratagema dos dominadores, e sim como elemento constitutivo do novo modo de funcionamento da hegemonia burguesa, "como parte integrante da ideologia dominante e da consciência popular".<sup>16</sup>

Além disso, as radionovelas frequentemente retratavam as mulheres de uma maneira inferiorizada, citando-as como donas de casa submissas e como mães que deveriam renunciar suas vontades e anseios em prol dos filhos e da família. Raramente as produções radiofônicas retratavam as mulheres como personagens fortes e independentes, o que contribuía para a manutenção de expectativas sociais restritivas sobre o papel que elas ocupavam ou que deveriam ocupar na sociedade. Também acontecia a romantização das radionovelas sob relacionamentos abusivos ou prejudiciais, posto que os dramas emocionais em volta de histórias de amor trágicas eram comuns, e muitas vezes envolviam mulheres sendo vítimas de violência ou manipulação por parte de seus companheiros. Isso contribuía para a normalização dos casamentos abusivos e as desencorajavam de abandonar seus lares e seus casamentos desgastados.

---

<sup>16</sup> MARTÍN-BARBERO, Jesús, 2001, p.168

Não obstante, o controle da sociedade e dos homens sob suas vidas estava também no percurso correto que cada mulher deveria seguir ao longo de suas vidas, que se tratava da preparação precoce para o casamento, não sendo tolerável o celibatarismo, a independência feminina, relações sexuais fora do matrimônio ou qualquer relação extraconjugal. A própria história de Maria Helena, em "O Direito de Nascer" é um exemplo claro da opressão e do controle que as mulheres enfrentavam na sociedade da época.

A personagem, por ter um relacionamento com um homem casado, era julgada e condenada pela sociedade, sendo proibida de criar o seu próprio filho, fruto deste relacionamento. Reitera-se que esse impedimento partiu de seu pai e de sua família, que temiam os julgamentos da sociedade e priorizavam a proteção do seu status e moral. Em vez de apoiar e ajudar Maria Helena a criar seu filho, a família escolheu privá-la do direito de ser mãe, um exemplo doloroso de como as mulheres eram frequentemente privadas de suas escolhas e de seus destinos, e de como eram incessantemente tratadas como propriedades de suas famílias, com suas vidas e decisões sendo controladas por homens. Além disso, destaca a hipocrisia da sociedade da época, que valorizava a moral e o status acima do bem-estar e da felicidade das mulheres. Infelizmente, esse tipo de história não se tratava de um caso isolado, mas sim de uma realidade ostensiva de muitas naquele contexto.

Em suma, as radionovelas na década de 1950 muitas vezes perpetuavam estereótipos de gênero prejudiciais e romantizavam relacionamentos abusivos, contribuindo para a marginalização das mulheres e dificultando seu progresso e protagonismo na sociedade.

Por fim, conectando o papel e a importância das radionovelas dos anos 1950 com o mundo atual, saturado de mídias digitais e tecnologias que buscam construir consumidores a partir da afirmação de visibilidade, sucesso e aceitação em comunidades de seguidores, as radionovelas oferecem um possível contraponto, pois proporcionaram um convívio mais aberto e flexível pela escuta radiofônica e que, embora reiterassem apenas aqueles valores considerados corretos pela sociedade, eram capaz de promover e estimular os ouvintes a desacelerar e mergulhar em histórias envolventes, criando conexão emocional e uma experiência coletiva.

Esse formato de entretenimento permite que as pessoas usem sua imaginação de maneira única, criando imagens mentais que são tão vívidas quanto qualquer efeito visual em tela, mas

que permitiam seus ouvintes sonhar com dias melhores, demandar a satisfação de seus direitos como cidadãs e a refletir sobre o seu papel numa sociedade altamente excludente e machista.

Além disso, as radionovelas têm o poder de tocar as emoções e estimular novas sensações. Elas abordam questões sociais, políticas e pessoais de maneira cativante, muitas vezes desafiando normas e preconceitos. Para muitos, as radionovelas são uma forma de educação e conscientização, além de que elas também têm a capacidade de criar um senso de comunidade entre os ouvintes, como grupos de discussão e fã clubes de artistas reconhecidos nestas narrativas radiofônicas, que demonstram como as histórias compartilhadas podem unir as pessoas, incentivando a troca de ideias e a construção de laços sociais.

Assim, a partir das infinitas ondas sonoras, podcasts e tecnologias atuais, as radionovelas apesar de não estarem mais presentes como nos tempos passados, sobrevivem apropriadas pelas telenovelas em seus enredos e tramas que ainda são capazes de proporcionar entretenimento, educação e conexão emocional, seja revivendo clássicos do passado ou criando novas histórias para as gerações atuais, pois continuam a mostrar que a magia da voz e da imaginação é uma fonte inesgotável de inspiração e enriquecimento nas vidas das pessoas. Como uma forma de contar histórias que perdura ao longo do tempo, as radionovelas são testemunhas da resiliência do poder narrativo e da capacidade de tocar corações e mentes, independentemente da sua época de produção e exibição, pois conecta pessoas com um passado em permanente diálogo com as questões e tabus que circularam em diferentes épocas.

## **FONTES**

- A GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, ano 1952, n°. 00151, p. 06. 02 jul. 1952
- A GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, ano 1952, n°. 00213, ed. 1, p. 06. 12 set. 1952
- A GAZETA DE NOTÍCIAS. Rio de Janeiro, ano 1952, n°. 00219, ed. 2, p. 02. 19 set. 1952
- A NOITE ILLUSTRADA. Rio de Janeiro. Ano XXIII N° 1.204. 25 de Março de 1951.
- DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, ano 1951, n°. 05002, ed. 2, 28 fev. 1951.
- DIÁRIO DA NOITE. Rio de Janeiro, ano 1952, n°. 05265, ed. 2, 10 jan. 1952.
- REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, ano 1951, n°. 00107, p. 40, 25 set. 1951.
- REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, ano 1951, n°. 00111, p. 32-33, 23 out. 1951.
- REVISTA DO RÁDIO. Rio de Janeiro, ano 1951, n°. 00114, p. 22-255, 13 nov. 1951.

## **BIBLIOGRAFIA**

- AZEVEDO, Lia Calabre; MAUAD, Ana M.; REIS, D. A. Na sintonia do Tempo: uma leitura do cotidiano através da produção ficcional radiofônica (1940-1946). 1996.
- BESSA, Carolina. A seguir... Cenas dos próximos capítulos. Nós da Escola, Rio de Janeiro, Ano 5, n° 51. Junho, p.30-44, 2007.
- BIANCHI, Graziela. A escuta popular por Maria Cristina Matta. In: MEDISTCH, Eduardo. (Org.). Teorias do Rádio: textos e contextos. Florianópolis: Insular, v. 1, p. 297-301, 2005.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas Brasileiras: Balanços e Perspectivas. Campo Grande, 2001.
- CALABRE, Lia. No tempo das radionovelas. Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, PósCom-Methodista, a. 29, n. 49, 2º sem, 2007.
- CASTRO, Ângela de. A política brasileira em busca de modernidade: na fronteira entre o público e o privado. In: História da Vida Privada no Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, vol. 4, 1998.
- CHAVES, Glenda Rose Gonçalves. A Radionovela no Brasil: um estudo de Odette Machado Alamy (1913-1999). Belo Horizonte, Março de 2007.
- DÂNGELO, N. Vozes da cidade: rádio e cultura popular urbana em Uberlândia-MG - 1939-1970. 1. ed. Uberlândia: EDUFU, v. 01, 2012.
- FRANÇA, Lilian Cristina Monteiro. O rádio educativo no Brasil - Uma breve perspectiva histórica.
- GOLDFEDER, Miriam. Por trás das ondas da Rádio Nacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- LENHARO, Alcir. Cantores do rádio - A trajetória de Nora Ney e Jorge Goulart e o meio artístico de seu tempo. Campinas, Editora da Unicamp, 1995.

MANCUSO, Vinicius de Moura. O uso do rádio no processo de ensino aprendizagem. 2012. 49 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em Mídias na Educação, Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Martín-Barbero. Jesús. Dos meios às mediações: comunicação. cultura e hegemonia I Jesús Martín-Barbero; Prefácio de Néstor García Canclini; Tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MATTA, Maria Cristina. “Rádios: memórias da recepção: aproximação à identidade dos setores populares”, in: MEDITSCH, Eduardo. (org.) Teorias do Rádio: textos e contextos. Florianópolis: Insular, 2005.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Os anos JK: industrialização e modelo oligárquico de desenvolvimento rural. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática. v. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PARDINHO, Celso Luís Nogueira. A Telenovela e a Identidade Nacional. Monografia (Especialização) – Curso de Especialização em Comunicação Política e Imagem Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SARODI, L. C., MOREIRA, S. V. R-dio Nacional - O Brasil em sintonia. 2 ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes/Funarte/Instituto Nacional de Música/Divisão Popular, 1988.

VARGAS LLOSA, Mario. Tia Julia e o Escrevinhador. Trad. GORGA, Remy filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

VELLOSO, Mônica Pimenta. A dupla face de Jano: romantismo e populismo. In: GOMES, Angela Maria de Castro. (org.). O Brasil de JK. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1991.